

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIALÉTICA DA MODERNIDADE: a questão da Indústria cultural e o problema da ruptura e crise das representações identitárias, sociais e culturais

Wainer Furtado Neves¹
Adão Nascimento dos Passos²
Carlos Costa Cardoso³
Edinaldo Sousa Santos⁴

RESUMO

Neste trabalho aborda-se a dialética da Modernidade, alicerçando a pesquisa sobre a *indústria cultural* as noções de crise e ruptura na dimensão simbólica e social das categorias de identidade, cultura e significações. O objetivo deste trabalho é tecer uma rede de significações sobre a categoria da cultura considerando a dimensão da *Indústria cultural* e para tecer esta costura de pensamento, além dos filósofos Adorno e Horkheimer convidamos Bhabha, Hall e Canclini com um turbilhão e repertório de conceitos que apreendem os desdobramentos da Modernidade e acabam por descrever as experiências de vida na dinâmica da globalização, descentramento das ciências sociais, deslocamentos culturais, a crise da identidade, os processos Inter étnicos e descoloniais. De um lado, temos a linguagem de dominação pela racionalidade instrumentalizada que serviu à lógica de manipulação do capital ao fomentar a *indústria cultural* e do outro, uma linguagem que desconstrói os discursos da cultura hegemônica eurocêntrica, estabelece uma crise nas identidades e desloca as culturas por meio da destruição das barreiras provocada pelo *hibridismo*. A metodologia aplicada neste trabalho é de ordem qualitativa tendo por base o tipo de pesquisa bibliográfica com embasamento teórico de estudiosos da área de teoria crítica e de estudos culturais. O resultado obtido é a problematização de conceitos que nos permitem vislumbrar a contemporaneidade em seus aspectos sociais e culturais, lidando com as ressignificações das representações simbólicas.

Palavras-chave: Modernidade, Cultura, Sociedade, Ruptura, Crise.

INTRODUÇÃO

A globalização, a modernidade, a ciência e o progresso da técnica concordaram para a efetivação de consideráveis transformações culturais, sociais e da espécie humana, se antes nos considerávamos seguros pela secularização dos valores na tradição, na modernidade, a segurança foi abalada e as crenças, as tradições, os valores, foram destronados e vieram a pique num fluxo perene de ruptura. A Modernidade permitiu a ruptura com a tradição, o fenômeno da globalização quebrou com as distâncias e os aprisionamentos das subjetividades, na nova era da informação a diversidade cultural ganhou expressão e todos nós passamos a vislumbrar o processo de desintegração, mudança através da contradição e da

¹ Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/ PGCULT; Especialista em Educação pela Instituto de Ensino Superior Franciscano – IESF; graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, autorprincipal@email.com;

² Mestre em Matemática pela UNICAMP – SP e licenciado em Ciências – Matemática pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

³ Licenciado em Ciência da Computação (UESPI); Bacharel em Enfermagem (UESPI); Especialista em: Informática em Saúde (UNIFESP)/Gestão em Saúde (FIOCRUZ).

⁴ Especialista em Gestão Pública pela Universidade Aberta do Brasil – UAB e graduado em

ambigüidade. O discurso de uma sociedade que considerava sua cultura como hegemônica, na Modernidade se revelou um processo de desconstrução da unidade por meio da fragmentação, e o que era hegemônica se *desmanchou no ar*.

O conjunto de experiências que a Modernidade empreendeu criou novos ambientes humanos, acelerou o ritmo da vida, gerou novas formas de poder, a industrialização da produção, o conhecimento científico que se transformou em tecnologia. A dialética da Modernidade anulou todas as fronteiras geográficas, dessa forma, as culturas puderam se expandir e entrar em contradição com as demais, gerando no seio da contradição uma experiência de comunicação de sistemas simbólicos, valorativos, religiosos, políticos, culturais e sociais. Dialética que representou desintegração, mas também uma integração paradoxal e significativa para as ciências sociais, principalmente.

O advento da *Indústria cultural* teve como matriz a experiência da Modernidade e seus principais desdobramentos contribuíram para resignificar a condição humana em seus aspectos sociais e culturais. A racionalidade instrumental configurou a era da tecnologia na Modernidade e representou o progresso científico, sendo o principal difusor do processo de estratificação na cultura e da própria vida. Quando falamos em *Indústria cultural* também estamos falando da mecanização da vida em detrimento do consumismo exacerbado de coisas e pessoas a favor da lógica do modo de produção capitalista.

Homi Bhabha insere na discussão sobre a cultura o processo de *deslocamento cultural* provocado pelo *hibridismo*, para este trabalho citaremos a obra *O local da cultura* considerando *o processo simbólico de negociação política, a negociação no lugar de negação, a temporalidade discursiva e a ênfase sobre a vida na fronteira*. Stuart Hall com suas considerações na *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* acerta em cheio nosso objeto de análise com a sua perspectiva de crise da identidade. Outrora, Nestor GarcíaCanclini em *Culturas híbridas* descreve o *hibridismo* como processo de modificação, transformação e fusão de estruturas, práticas sociais e culturais sempre trabalhando com as divergências.

O roteiro do desenvolvimento para esta pesquisa perpassa a dimensão do conceito sobre *Indústria cultural* a partir de Adorno e Horkheimer (sistema filosófica), de maneira que possamos introduzir um diálogo com Bhabha, Hall e Canclini aproximando ou se distanciando, com sistemas de pensamento diante dos conceitos abordados nas obras referidas, da linguagem construída pela *noção de Indústria cultural*, complementa as considerações dos *estudos culturais* cerceados por Bhabha, Hall e Canclini.

DESENVOLVIMENTO

Constitui como ponto de partida da nossa pesquisa uma incursão pela proposta desenvolvida por Adorno e Horkheimer sobre o conceito de *Indústria cultural*. Tal conceito nos serve ao pensar no recurso da utilização de uma linguagem própria criada pela *Indústria cultural*, linguagem de manipulação, para reflexão de umavertente de reorientação da sociedade de massa e a imposição de comportamentos passivos de aceitação e conformidade das subjetividades geradas pela lógica do consumo no modo de produção capitalista na Modernidade.

A obra que utilizamos como referência é a *Dialética do Esclarecimento*, publicada primeiramente no ano de 1947, em Amsterdam. O livro foi escrito nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, um marco doloroso na história da humanidade, uma vez que, após seu término, o mundo ficou esfacelado, com mais de trinta milhões de feridos e cinquenta milhões de mortos. O mundo foi dividido em dois grandes blocos político-econômicos: o capitalismo selvagem dos Estados Unidos e o capitalismo selvagem *de Estado* (stalinismo) da União Soviética. Os dois blocos acima trilharam um caminho de batalhas políticas, ideológicas e militares, levado ao extremo no período pós-1945, tipificado como *Guerra Fria*, e que perdurou até o fim da União Soviética, em 1991. A humanidade, que deveria entrar num estado humano, lançou-se por completo à barbárie. Inserido nesse cenário de guerra, o livro escrito por Adorno e Horkheimer diagnosticou, através de uma teoria crítica histórica, a transformação da razão emancipadora ou esclarecida em racionalidade instrumental, ou seja, a razão usada a serviço do capital, do totalitarismo industrial.

A racionalidade instrumental, triunfo do progresso científico, trouxe à tona o conceito de inautenticidade do indivíduo, já que a tecnologia e a vida ficaram a serviço administrado pela *razão* produzida pela instrumentalidade da técnica. A especificidade desta técnica e análise do sujeito acabou por tomar o próprio sujeito como um objeto ou coisa lançado no mundo completamente manipulado e controlado pela indústria do capital.

Temos que considerar que Adorno e Horkheimer são pensadores do século XX que desenvolveram um programa de pensamento antes trabalhado por Marx. Teoria crítica da sociedade, cujo interesse sempre esteve em compreender a organização racional da atividade do sujeito na sociedade, foi o motor de Adorno e Horkheimer, assim como antes já o havia sido de Karl Marx.

Marx sustentou que a dialética era justamente a lei do desenvolvimento da realidade histórica. Sendo assim, a luta de classes, a alienação do trabalho, o monopólio do

capital, tudo isso poderia ser perfeitamente compreendido e incorporado na noção de sujeito. O sujeito compreendido pela dimensão do trabalho assimilou na economia epolítica de sua época a apropriação de um processo passivo de exteriorização objetivada da essência do sujeito, considerando, portanto uma negação do homem, na medida em que ele mesmo não se encontrava mais numa tensão exterior com a essência já existente na exterioridade da propriedade privada, confusão tal que o homem se viu mutilado na sua humanidade, pois perdeu seu poder de autocriação, já que o trabalho se deu apenas por uma questão do par subsistência/sobrevivência.

A razão pura e simplesmente instrumental, que se dispõe a orientar, identificar, construir meios, instrumentos para alcançar determinados fins estabelecidos e controlados pelo sistema de produção então vigente, a saber, o capitalismo, serviu de âncora para aportar o conceito de *Indústria cultural* em Adorno e Horkheimer. O sistema capitalista caracteriza-se especialmente pela sua funcionalidade tecnológica, e para Adorno e Horkheimer seria justamente esta funcionalidade o que moveria a grande máquina contemporânea chamada Indústria cultural.

O que, na verdade, Adorno e Horkheimer quiseram nos dizer com o conceito de *Indústria cultural*? Acredito que poderia nos levar a descortinar a falsa clareza que o real apresenta, mostrando a anulação do indivíduo face aos poderes econômicos do modo de produção capitalista. Em síntese, a ideia de indústria cultural pretendeu revelar a regressão do esclarecimento à ideologia. De que modo? O esclarecimento, que surgiu inicialmente como proposta de libertação do homem através do saber, culminou na produção de um arcabouço linguístico com caráter de verdade, visando ao consumo. Pela apropriação da razão instrumental, a técnica, aliada aos mecanismos de produção demasiadamente controlados, submeteu a ideologia à idolatria de tudo aquilo que existe, metamorfoseando os indivíduos e suas relações em produtos, em estandes e prateleiras dos supermercados sociais.

Uma nova configuração pretensiosamente verdadeira, eclipse vacante⁵, mas nada ingênua em sua pretensão, o calabouço argumentativo da lógica da *Indústria cultural* idealizou produtos, adaptando-os ao consumo das massas, pondo a racionalidade técnica a serviço da dominação, uma especificidade peculiar do caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma.

⁵ Faço menção ao fenômeno em que um astro deixa de ser visível no todo ou em parte, devido à sombra de outro astro.

Alienação de si? Como isso seria possível? Somente num estado em que o indivíduo não mais se pertence, que não detém mais o controle de si, privado de direitos fundamentais passa a ser considerado “coisa”.

O termo *alienação*, de cunho filosófico e sociológico, foi inserido no contexto crítico da sociedade graças a Hegel (1770-1831) e Marx (1818-1881), sendo que, para Hegel, a cada etapa que se segue em seu *devir*, um ser aparece como outro completamente distinto do que era antes; já em Marx significava a ideia de estar alheio a algo num estado de escravidão.

A Indústria cultural se apresentou para incorporar no sujeito a necessidade de consumo. Mesmo que tal necessidade tenha se inserido à nossa condição de humanos, o problema está na forma como esta necessidade para o consumismo foi manipulada, aprimorada por uma linguagem específica auferida no modo de produção capitalista e propagada através dos mecanismos de comunicação de massas pertencentes à nossa cultura, como, por exemplo, o rádio, a televisão, os jornais, revistas, internet, etc.

Claro que, com o comércio fortalecido após as investidas das Revoluções Industriais, principalmente na Europa, o capitalismo logrou êxito ainda maior com as grandes descobertas científicas. Consequentemente, com o avanço tecnológico, o homem perdeu seu lugar de criador e tornou-se criatura, a serviço do sistema, já que o mesmo necessitava de sua objetividade – a técnica, nua e crua. Os valores humanos foram deixados de lado em prol de uma troca vantajosa para os interesses econômicos. Mas é evidente que sempre ocorreu essa troca, mesmo antes dos teóricos críticos como Marx o terem denunciado. O que se tornou algo inteiramente novo nessa troca, foi a excentricidade do consumo na sociedade contemporânea articulada por um vocabulário de identificação, decorrente de um prolongamento da necessidade produzida, direcionada às massas.

Um vocabulário mais sofisticado, com diversas ferramentas sequenciadas e padronizadas, num estilo operacional lógico mecanizado para a fabricação de mercadorias destinadas à diversão, consumo e compulsão. O padrão nesse estilo requer uma unidade, ainda que não uma uniformidade, que se ramifica conforme a necessidade do consumidor, e conforme o efeito que foi produzido pelo sistema.

O padrão de competência estaria justamente ligado à linguagem cotidiana da personalização identitária do produto fabricado. O progresso técnico e científico foi a mola propulsora da *indústria cultural*. Adorno e Horkheimer notaram que, através desse progresso, o sistema capitalista impôs mais vorazmente a ideologia vigente do consumo incessante, num esquematismo da produção que favorece a insatisfação perene articulada à demanda dinâmica por novos produtos.

Vejamos o caso do cinema. Se Adorno e Horkheimer ainda o perceberam como arte, logo em seguida ele se converteu ao serviço da marcha do esclarecimento, pela capacidade de dominação e manipulação dos espectadores, pela capacidade de acesso rápido e administrado aos sentidos da visão e audição. Em virtude desses meios eficazes de apropriação de mensagens, que gerariam necessidades de consumo nos seus ouvintes e visualizadores, percebe-se hoje que o cinema, como palco da crueldade, transferiu seus poderes para a realidade. O que era ficção tornou-se o mais real possível, atraindo assim espectadores que, para além das poltronas, passaram a interagir com as imagens reais, porém de forma distante, neutra e sem solidariedade com *elas (que sofrem)*.

A Indústria Cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. Não há nenhuma situação erótica que não junte à alusão e à excitação a indicação precisa de que jamais se deve chegar a esse ponto. O HaysOffice apenas confirma o ritual que a indústria cultural de qualquer modo já instaurou: o de Tântalo. (ADORNO E HORKHEMIR, 1985, p. 115)

A *sublimação*, termo da teoria psicanalítica freudiana sobre o aparelho psíquico humano que aparece na citação, consiste em um mecanismo alternativo ao recalque para lidar com os impulsos instintivos. Ao contrário do recalque, que não obtém uma solução satisfatória duradoura para os conflitos causados pelas pulsões, a sublimação foi vista por Freud como uma solução satisfatória, pela qual o homem poderia dominar seus instintos agressivos, como o ódio, os impulsos sexuais violentos, etc. De fato, segundo Freud, a *sublimação* opera um “disfarce de identidade”, ou seja, esses impulsos malignos e destrutivos para o humano fingem ser outra coisa, se disfarçam de inofensivos e assim fazem com que o *Ego* acredite que são completamente inofensivos.

O mecanismo da *sublimação* também poderia ser interpretado como a capacidade que tem o instinto sexual de abrir mão do seu objeto primário, deslocando seu foco para outros objetos não sexuais e mais aceitos no âmbito social. O ato de *reprimir* ocorre justamente em oposição ao de *sublimar*. A *repressão* está a cargo do superego, que age como se fosse uma barreira eletrônica em nosso trânsito psíquico, apelidada como “censura”. Frequentemente, o impulso inconsciente quer ultrapassar a fronteira e passar para o estado consciente. Mas isso só ocorrerá se tal impulso for considerado positivo, isto é, se não contrariar as convicções que o superego possui.

De posse desses dois conceitos da psicanálise freudiana, *sublimação* e *repressão*, Adorno e Horkheimer analisaram a *indústria cultural*, concluindo que esta não sublimava, apenas reprimia. Reprimir como ato de promessa incessante de consumo. Prometer algo que

jamais será saciado, mesmo que adquiríssemos tudo aquilo que desejamos. Adorno e Horkheimer afirmaram astuciosamente que o resgate da promissória emitida pelo enredo e pela própria encenação sobre o prazer é prorrogado indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. Então, estaríamos metaforicamente análogos ao expediente descrito no mito de Tântalo.

Tântalo foi lançado no Tártaro devido à sua afronta à onisciência dos deuses, e condenado a pairar sobre um manancial de comida e bebida, dotado de um eterno desejo de sede e de fome, mas jamais podendo saciar tais desejos. O mito de Tântalo simboliza o homem em sua luta interior, condenado a viver um desejo eterno sempre insaciável, incontido e insatisfeito. A alusão de Adorno e Horkheimer ao mito de Tântalo serve para mostrar a condição que foi imposta pela sociedade de consumo na era da *indústria cultural*: a lógica da dominação e controle do consumo pelos sujeitos na sociedade.

Contudo, é sobre o cenário acima descrito que se desenha a contingência em nossa sociedade. Diante do real fluxo, a única coisa que resiste e persiste é a memória. A memória nos aloca na compreensão de estarmos imersos na temporalidade, mesmo que tal compreensão se imponha a contragosto.

A temporalidade empreende a marcha da transitoriedade e falar sobre transitoriedade é podermos compreender a essência de uma dialética na Modernidade, onde o efêmero, o fragmentário e o contingente se entrelaçam e configuram uma atualidade da condição humana na cultura.

A expansão das possibilidades de experiência de vidas e a destruição das barreiras valorativas que segregavam pela distinção e identificação entre culturas atingiram a cultura hegemônica eurocêntrica e fragilizaram as estruturas secularizadas pela tradição. A experiência moderna trouxe essa dimensão de ruptura, e é a partir dela que agora apontaremos para outra construção de pensamento que olhou para a cultura não considerando uma linguagem desenvolvida pela racionalidade instrumental que serviu à metáfora da *Indústria cultural*, mas nos evidenciou outra dimensão da Modernidade sob o paradigma da subversão das experiências individuais, coletivas, sociais, culturais etc.

Bhabha em sua crítica as culturas centrais e periféricas evidencia que há, de fato, uma interação entre estas e que dessa interação há a precipitação de algo para “além”. Bhabha é um teórico do pós colonialismo, ou seja, é um teórico que fala de um “além” como terceiro espaço que foge do binarismo clássico, e por esse motivo que o “pós” marcaria o emergir dos discursos de interstícios no embate cultural. A prática do hibridismo cultural é uma constante

movimentação e agitação diante a dominação psicológica e cultural do colonialismo. O hibridismo é um fenômeno que permite a re significação dos discursos identitários, Homi Bhabha compreendeu que as identidades no presente momento teriam como características a fluidez e a transitoriedade agora com uma prerrogativa da negociação. Para Bhabha, a história está acontecendo no interior dos sistemas simbólicos e estruturas que construímos para figurar a passagem histórica, nesse sentido, o processo simbólico de negociação é política.

A ênfase do pensamento de Bhabha está na representação do político, de que maneira o discurso se constrói; recusar uma lógica essencialista e eliminar o moralismo que acompanha as reivindicações é salutar para a construção de um bloco de poder contra hegemônico. Uma citação que traduz bem o sistema de pensamento do Bhabha, a favor de que a cultura é uma construção e a tradição uma invenção: É a partir desse lugar híbrido do valor cultural – o transnacional como o tradutório - que o intelectual pós-colonial tenta elaborar um projeto histórico e literário. Minha convicção crescente tem sido de que os embates e negociações de significados e valores diferenciais no interior da textualidade “colonial”, seus discursos governamentais e práticas culturais, anteciparam, *avant la lettre*, muitas das problemáticas da significação e do juízo que se tornaram correntes na teoria contemporânea – a aporia, a ambivalência, a indeterminação, a questão do fechamento discursivo, a ameaça à agência, o estatuto da intencionalidade, o desafio a conceitos “totalizadores”, para citar apenas alguns exemplos (BHABHA, 2013, p. 278).

Complementando Homi Bhabha, Stuart Hall, ao elaborar seu sistema de pensamento diagnostica uma crise na constituição das identidades na Pós-Modernidade. Teórico dos estudos culturais, o que importa são as rupturas significativas em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. Mudanças de conceito de identidade, a questão das identidades culturais, a ideia de “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais são bastante discutidas por Hall. O mesmo identifica que as identidades modernas estão sendo, cada vez mais, “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Um colapso das identidades caracteriza a fluidez nas transformações das sociedades modernas, uma fragmentação que é latente em todas as áreas, como por exemplo: classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Com a palavra Hall: É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do

jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (SILVA, 2000, p. 109).

Falta de identidade fixa, essencial e permanente. A identidade se tornou uma celebração móvel, falta de um “eu” coerente, dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções. Provisório, variável e problemático, a identidade do sujeito deixou de ser unitária e passou a ser composta, composta por várias identidades algumas contraditórias entre si e não-resolvidas.

Nesse sentido, a identidade permanece aberta, considerando a possibilidade de novas articulações, ou seja, a criação de novas identidades, produção de novos sujeitos em movimento.

Hall também tem como questão central do seu pensamento a noção de descontinuidade, processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior, conceito que compartilhou com Harvey David. A Pós-modernidade, segundo Hall se centralizou em ênfases: por Giddes – ênfase da descontinuidade; por Harvey – ênfase na fragmentação; por Laclau – ênfase na ruptura e deslocamento. A ideia de deslocamento é importante, pois nos recoloca na dimensão de pluralidade de centro de poder na Modernidade, fortalecendo a noção de que a sociedade está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma.

Para Hall, o sujeito fragmentado é colocado em termos de suas identidades culturais. As culturais nacionais são as principais fontes de identidade cultural, à vezes, são pensadas como se fosse parte de nossa natureza essencial, porém, são coisas com as quais não nascemos, mas são formadas e transformadas no interior das representações sociais e simbólicas. A nação é um sistema de representação cultural, comunidade simbólica, dispositivo da modernidade e da industrialização. A nação possui o poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade, criou padrões de alfabetização, generalizou uma língua, criou uma cultura homogenia e manteve as instituições.

A cultura nacional é um discurso que constrói sentidos das nossas ações e da concepção que temos de nós mesmos (processo de identificação e pertencimento), é uma comunidade imaginada e por isso devemos ter a noção que a nação é uma construção. Continua Hall,

Num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, as velhas certezas e hierarquias da identidade britânica têm sido postas em questão. Num país que é agora um repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que

significa ser britânico nunca mais pode ter a mesma velha confiança e certeza. O que significa ser europeu, num continente colorido não apenas pelas culturas de suas antigas colônias, mas também pelas culturas americanas e agora pelas japonesas? A categoria identidade não é, ela própria, problemática? É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral? (HALL apud Robins, 2011, p. 84).

Ao lado Bhabha e Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini, também representa um dos principais teóricos dos *estudos culturais*, o mesmo usa o conceito de *hibridação* para desenvolver uma linha de pensamento que situa as misturas interculturais propriamente modernas, a desterritorialização dos processos simbólicos, as mudanças que a pós-modernidade provocou, o fenômeno da globalização e seus impactos nas culturas, a transnacionalização da cultura efetuada pelas tecnologias comunicacionais, etc.

Para Canclini, o uso do conceito *híbrido* busca descrever processos Inter étnicos e de descolonização; globalizadores; viagens e cruzamentos de fronteiras; fusões artísticas, literárias e comunicacionais. A *hibridação* é entendida como processos socioculturais nas quais as estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. As *hibridações* são marcadas pelas misturas interculturais, fundindo estruturas ou práticas sociais para gerar novas estruturas e novas práticas, então, o que percebemos é um *devenir* (movimento) contínuo que acaba por nos levar a relativizar a noção de identidade.

A ênfase na hibridação não enclausura apenas a pretensão de estabelecer identidades “puras” ou “autênticas”. Além disso, põe em evidência o risco de delimitar identidades locais auto contidas ou que tentem se afirmar como radicalmente opostas às sociedades nacionais ou à globalização. Canclini, afirma a impossibilidade de falar em identidades apenas como se tratassem de um conjunto de traços fixos (língua, tradição, conduta estereotipada), ora em um mundo tão fluidamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos Inter étnicos, transclassistas e transnacionais.

Canclini elaborou um pensamento aberto para abarcar as interações e integrações entre os níveis, gêneros e formas da sensibilidade coletiva. A inexistência dos limites, das barreiras, das fronteiras como imposições de distanciamentos, caíram e permitiram a confluência de experiências vitais para a reconstrução de concepções descentralizadas e multideterminadas das relações sociopolíticas.

A política da hibridação é trabalhar com as divergências, as fronteiras rígidas se tornaram porosas, infiltrações cada vez mais constantes retratam o cenário de nossa

atualidade, os processos globalizadores marcam e acentuam a interculturalidade moderna, proporcionam mais hibridações, necessário registrar tudo aquilo que, nos entrecruzamentos permanece diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não somos inocentes a ponto de acreditarmos ter alcançada a essência do pensamento de cada autor aqui comentado e dos conceitos apresentados. Considerando sim, a reconstituição do significado a partir do significante, nos oferece condições de podermos tangenciar questões pertinentes e produzir um diálogo relevante sobre estudos culturais na Modernidade considerando também a vertente filosófica sobre a *Indústria cultural*, apesar de linguagens ambivalentes. A incerteza em relação ao sentido e ao valor da Modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas sobretudo, de cruzamentos, interconexões, entrecruzamentos sócio culturais em que o tradicional e o moderno se misturam, se mesclam.

A linguagem de manipulação e dominação desenvolvida e aplicada pela *Indústria cultural* na Modernidade aprisionou a cultura, as identidades e subjetividades numa lógica do consumismo, de necessidade constante de produção crescente e consumo exacerbado sob a égide do modelo econômico capitalista. Quando mencionamos consumo, tratamos de objetos e de sujeitos, os sujeitos que perpassam pela coisificação. A *Indústria cultural* por meio da racionalidade instrumentalizada a seu serviço contribuiu para a mecanização da vida e a lançou no foco da alienação, a ideologia então a serviço do controle das experiências na Modernidade.

Por outro lado, os teóricos dos estudos culturais, antropólogos e sociólogos nos apresentaram uma linguagem etnológica e atual das principais relações e trocas simbólicas entre as nações, as diásporas, novas tecnologias e seus impactos sobre a Modernidade, se assim podemos chamar a atualidade, pois alguns antropólogos, sociólogos, filósofos, etnólogos já colocam em crise a própria noção de Modernidade. Exemplo disso é que para Canclini, a tradição ainda não se foi e a Modernidade não terminou de chegar, Hall nos colocaria numa configuração da Pós-Modernidade.

De fato é que, a questão da ruptura é elemento central e que poderia adjetivar os estudos culturais. Conceitos como desterritorialização, hibridação, híbrido, deslocamento, descoleção, descolonização são marcantes para o entendimento dos processos de ruptura que marca as crises nas identidades locais, individuais, nacionais, também a crise na

hegemonização da cultura, a queda das fronteiras, a abertura para nossas possibilidades de pensar os conflitos entre, raças, étnicas, gêneros, classes, raças etc. É necessário observar na *hibridação* em meio as ambivalências da industrialização e da massificação globalizada dos processos simbólicos e dos conflitos de poder que suscitam. Os discursos produzidos no interior das comunidades precisam de uma rede de significações de poder, o social e simbólico se unem e passam a agregar valores, sobre esses valores uma genealogia se faz necessária. A heterogeneidade cultural redesenha nossos olhares, e as experiências nos permitem vislumbrar um mundo construído e fabricado pela pluralidade.

As transformações dos marcadores simbólicos radicalizam o projeto moderno, de certa forma levam a uma situação pós-moderna entendida como ruptura com o anterior, apesar de considerarmos que o novo de alguma maneira de entrecruza com o antigo e este é atualizado pelo primeiro. A fluidez é perene. O fluxo sempre contínuo e contingencial, parafraseando Marx, tudo o que é sólido desmancha no ar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos.

Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Tradução de Maria João da Costa Pereira.

Lisboa: relógio d'água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha do ar**: a aventura da modernidade. São

Paulo: C&a das letras, 1986.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de

Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da

Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Tradução de Adelaine La

Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais /

Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.